

A bela mãe e mulher

Silvana Vilodre Goellner*

Resumo: Em *A Bela Mãe e Mulher*, Silvana Vilodre Goellner escreve sobre diferentes imagens do corpo da mulher. Mais particularmente, sobre as práticas corporais e esportivas e a visibilidade do corpo feminino no início deste século. Mostra que algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira desta época, ao mesmo tempo em que possibilitam a exibição do corpo feminino promovem, também, estratégias para seu ocultamento. Escreve sobre três temas específicos: beleza, maternidade e feminilidade, e busca mostrar imagens da mulher presentes no primeiro periódico específico da Educação Física – a *Revista Educação Física* – publicada entre 1932 e 1945.

Palavras-chave: Imagem, mulher, feminilidade, beleza, maternidade.

Abstract: In *A Bela Mãe e Mulher (The Pretty Mother and Woman)*, Silvana Vilodre Goellner writes about different images of a woman's body; particularly about the body and sports practices and the visibleness of a woman's body in the beginning of this century. It shows that some political, economic and cultural changes in the Brazilian society of our times favor an exhibition of the female body but, on the other hand, they also provide strategies for hiding it. The author writes about three specific themes: beauty, maternity and femininity, and seeks to show images of women in the first specific journal on Physical Education – the *Revista Educação Física* (Physical Education Magazine), published between 1932 and 1945.

Key-words: Image, woman, femininity, beauty, maternity.

Esse texto fala sobre imagens da mulher, mais especificamente, sobre imagens da mulher presentes na *Revista Educação Física*: primeiro periódico específico da Educação Física, publicado no Brasil entre 1932, data da sua primeira edição e outubro de 1945, quando da última.

Imagens ao mesmo tempo genéricas, que expressam uma forma estética de exibir e de olhar o corpo feminino; e específicas, porque escolhidas em uma única fonte de pesquisa. Imagens coletivas e individuais, porque representativas de determinados valores sociais da época em que foram elaboradas e porque marcadas pelo olhar e pela história particular de quem as registrou/elaborou e de quem as viu/vê/ ou leu/lê.

* Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. goellner@terra.com.br

Entendendo as imagens não apenas como algo que possa ser apreendido pela acuidade visual, mas como representação de sensações, ideologias, valores, preconceitos e mensagens, procuro apresentá-las utilizando-me de uma forma narrativa que procura arrancá-las de um esquecimento/desconhecimento que é meu, que é da Educação Física e que é do meu tempo. Costuro interpretações através dos vestígios e testemunhos que escolhi para pesquisar e da minha imaginação, originada de um desejo que parte de um sentimento particular que é único, e também diverso, porque está inserido nas escolhas e nas pesquisas que a minha área de estudo vem produzindo, no que diz respeito à interpretação e explicação de sua própria construção histórica.

Escrevo, portanto, a partir de imagens e textos escolhidos e narrados por um modo de investigar que, ao buscá-los no quando da sua produção, se propõe a apresentá-los dentro do que hoje podemos conhecer da revista em que foram registrados e da mediação que me é possível estabelecer entre o passado e o presente.

Neste particular, busco nas reflexões de Marc Bloch inspiração para conduzir minha investigação.

É tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado se nada sabemos do presente (s.d, p. 42).

Produzida num tempo de significativas mudanças econômicas, sociais e culturais na e da sociedade brasileira, a *Revista Educação Física* expressa e registra, nas suas páginas, diferentes perspectivas de educar o corpo de mulheres e de homens, cuja energia física é observada como potencializadora de um gesto eficiente, capaz de produzir mais e com maior rapidez.

O temor à degenerescência da raça e o robustecimento da força produtiva necessária ao desenvolvimento da economia nacional, evocam um maior controle sobre o corpo, objetivando resguardar e canalizar suas energias. Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal é reconhecido como essencial ao desenvolvimento da nação, porque capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social.

Movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção. Razão pela qual as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas pois, como possibilidade de divertimento e disciplinação, tornam-se

representativas de uma sociedade que, para se coroar, prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado.

No Brasil, é a partir dos anos 30, que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas, identificando a Educação Física e o esporte como espaços de intervenção na educação dos cidadãos, no sentido da valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada.¹

A euforia da e para com a Educação Física exige e provoca a produção e a circulação de informações, tanto no que diz respeito à divulgação das conquistas e dos méritos esportivos de grupos e indivíduos, como ao aprofundamento de conhecimentos científicos e pedagógicos sobre as diferentes possibilidades de movimentação do corpo. Uma vez criada a representação da necessidade de um cuidado corporal para a aquisição e preservação da saúde, da beleza e da força produtiva, necessárias se fazem atitudes e situações voltadas para a consolidação desta afirmação.

Respondendo às inquietações e às exigências de professores/as, treinadores/as, atletas e simpatizantes das práticas corporais e esportivas, em maio de 1932 surge o primeiro periódico específico da área da Educação Física: a *Revista Técnica de Atletismo e Sports* que, a partir de seu terceiro número, passa a chamar-se, simplesmente, *Revista Educação Physica*². Há que referenciar, ainda, que o campo esportivo se encontra, neste período, em plena expansão, engendrando uma série de intervenções de indivíduos e categorias profissionais no que respeita à sua estruturação.

Nos seus primeiros números, além dos textos escritos por autores brasileiros, os editores da revista recorrem a outros articulistas e à tradução de artigos estrangeiros para viabilizar material a ser publicado e, assim, garantir não só a regularidade e continuidade da publicação, mas também assegurar ao periódico um perfil científico, transformando-o em uma fonte de consulta para profissionais da área e leigos interessados na Educação Física e nos esportes³.

1. Corresponde a esse período, por exemplo, a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); da Escola de Educação Física do Exército (1933); da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939); a instalação da Comissão Nacional dos Desportos (1939); e do Conselho Nacional dos Desportos, em 1941.
2. Para evitar confusões, sempre que me referir a este periódico utilizarei a denominação "*Revista Educação Physica*", mesmo quando, pelas mudanças ortográficas ocorridas no país, sua grafia passou a ser *Revista Educação Física*.
3. Até setembro de 1936, a *Revista* circula com periodicidade semestral, sendo que no ano de 1935 apenas um número foi editado. A partir de 1937, sua edição será mensal, por vezes bimestral, até seu último número (88), de agosto/setembro de 1945.

Identificada como uma das primeiras publicações a atender a um público diverso, cujo interesse comum demarca uma especificidade – a Educação Física e os esportes – este periódico teve uma ampla circulação, fato que pode ser evidenciado quando se observa o número de correspondentes, redatores nacionais e internacionais, e representantes descritos na ficha técnica de vários de seus números. Encontram-se registros de representantes da Revista em vários Estados do território nacional, diferentes países da América do Sul e alguns países europeus.

Se a *Revista Educação Physica* foi importante no momento de sua circulação, ainda o é na atualidade, porque permite conhecer a produção de diferentes mulheres e homens, cujas contribuições marcaram o fazer da Educação Física, pelo que explicitaram e/ou deixaram de explicitar. Permite, também, passear por um tempo que é passado e é presente pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas desse tempo que é hoje e que é nosso.

E é assim que escrevo este texto: procurando nos fragmentos do passado, vínculos, persistências e possibilidades com o presente e o futuro, não no seu desenrolar contínuo e cronológico, mas na descontinuidade dos enlaces que entre eles se vão construindo. E que eu também construo.

Sigo Walter Benjamin na compreensão do entrecruzamento dos tempos, ciente de que articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Apenas apropriar-se de algumas de suas reminiscências, interpretando-as à luz presente. Afinal,

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não fomos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração foi-nos concedida uma frágil força messiânica para o qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente (1994, p.223).

Se sou chamada pelos apelos do passado, apelo, também, ao passado, para melhor compreender o presente. Construo e narro uma história sobre as imagens do corpo feminino presentes em um periódico específico. Situado em um tempo também específico. Construo e narro essa história através de intervalos significativos. Isto é, lendo o não escrito da *Revista Educação Physica*; aquele espaço existente entre o que ela mostrou e o que deixou de mostrar, pois compreendo que as suas

imagens e seus textos falam, também, pelo seu silêncio, exibem pelo que ocultam, fazem conhecer pelo que desconhecem.

Para construir esse modo de olhar a Revista, busquei inspiração nas reflexões que Milton José de Almeida faz sobre cinema e sobre o processo de inteligibilidade de qualquer narração, visual ou não. Mais especificamente, quando escreve sobre o intervalo de significação que identifica existir, por exemplo, entre uma e outra cena de um filme e que faz com que as pessoas tenham sentimentos e opiniões distintas, mesmo que assistindo às mesmas imagens. Vejamos:

Esse intervalo que vai dar sentido ao que está sendo narrado não é um intervalo vazio. Ao contrário, é o mais pleno: nele acontece e age a história do espectador, a história como memória e sentimentos próximos, sua vida única e irreduzível e a história como memória e sentimentos coletivos, sua vida social e redutível a todos. Medos pessoais e medos coletivos, prazeres únicos e prazeres compartilhados. Eu e todos. Um intervalo em que a ilusão de ser único tensiona a ilusão de ser histórico. E a intelegibilidade de um filme acontece nesse misterioso intervalo, entre os cortes e as cenas escolhidas para serem vistas, editadas e montadas, de acordo com a possível e efetiva produção final de um filme, com tudo de artístico e de ideológico no momento da produção deste filme (1999, p.13).

Por certo, a *Revista Educação Physica* não é um filme. Suas imagens e seus textos não chegam aos nossos olhos em movimento. São junções de traços e pontos escuros que estaticamente estão fixados sobre o branco do papel, agora amarelado. No entanto, produzem movimento. São palavras e imagens que movimentam o pensamento, as emoções e a inteligência de quem as observa. Que desafiam o olhar, enriquecendo-o na medida em que são reconhecidos os intervalos significativos existentes no interior de cada página. Naquele pequeno instante em que o leitor dialoga com o que lê, permitindo o despertar de leituras diversas sem encarcerar o que olha a uma ou outra teoria, tentando comprovar sua utilidade, veracidade e existência.

É no conflito e na tensão entre os intervalos existentes nas páginas da Revista que construo este trabalho. Através destes intervalos silenciosos que muito dizem, porque possibilitam que, através deles, eu encontre espaço para exercitar minha individualidade e, assim, conferir sentido ao que está sendo narrado. Um sentido que é meu, individual e também social, porque molhado pelo tempo em que vivo e escrevo. De outro jeito: é atribuindo significação a estes intervalos que posso conhecer e imaginar esse tempo que não me pertence e, a partir de então, conhecer e imaginar as representações lá construídas e reproduzidas para o sexo feminino.

Olho a *Revista Educação Physica* tentando compreender seu entorno e o quê dos valores, preconceitos e ideologias lá presentes reproduzem-se no seu interior. Procuo, através dos seus intervalos, ir além deste primeiro olhar, para não me deter em uma explicação factual e dedutível, restringindo possibilidades de interpretação, mesmo que esta seja justificada por teorias políticas, filosóficas, estéticas e sociológicas. Afinal,

Utilizar teorias lógicas e claras para explicar um afresco ou um filme, é acreditar que este tipo de obra tenha também uma origem lógica e clara, mesmo que não a deixe transparecer. Como se o constructo mental que dá forma à teoria explicativa fosse pré-existente ao objeto que ela deseja interpretar. A interpretação deve partir do caos aparente da imagem, encarar o mistério dos intervalos significantes e valer-se também do caos das teorias, não ter medo do seu aparente conflito (ALMEIDA, 1999, p.13).

Conviver com o conflito da Revista não é tarefa fácil. Ao contrário: é penosa e desestabilizadora, porque rompe com qualquer desejo de classificá-la como pertencente a esta ou àquela tendência pedagógica, corrente ideológica ou vertente política. Viver o conflito da Revista é afirmá-la plural. É devassar dentro da sua aparente unicidade, a pluralidade dos discursos e das imagens que publica. É identificar o que permanece e o que não mais se mantém, consoante as escolhas políticas, religiosas, morais e estéticas, possíveis de, naquele tempo, serem realizadas. É tensionar a semelhança e a diferença.

Afinal, a *Revista Educação Physica* elabora, reelabora e reproduz imagens e textos apreendidos pela memória, pela sensibilidade e pela inteligibilidade de sujeitos que são diferentes entre si, portadores de distintos olhares sobre o corpo de mulheres e de homens e sua capacidade e possibilidade de movimentação. Olhares distintos e que são também semelhantes, porque pertencentes a uma mesma época e a um modo específico de ver esses corpos. Olhares construídos a partir das convenções morais, sociais, culturais e econômicas dominantes, para as quais foram/são produzidas representações de homem/mulher, de feminilidade/masculinidade, de obscenidade/pureza, de beleza e de saúde corporal.

A *Revista Educação Physica*, embora não trate especificamente da Educação Física feminina, reproduz, cria e recria diferentes imagens do corpo da mulher. Imagens descritas em palavras, imagens desenhadas e fotografadas, que representam corpos reais e idealizados e que são assumidas ou não pelas leitoras. Imagens que registram corpos estáticos ou em movimento, sobre os quais circulam diferentes tensões: curiosidade e desconsideração, liberdade e vigilância, transgressão e adequação, exibição e ocultamento, sensualidade e ascetismo.

Ainda que seja impossível falar no singular – “corpo da mulher” – porque as mulheres são diversas entre si, portadoras de variados interesses, necessidades, vontades, desejos, sentimentos e formas de ver o mundo e a si mesmas, e porque de diferentes raças, classes, religiões, idades e grupos sociais; no que se refere às imagens do feminino, a *Revista Educação Physica* pouco movimento confere à tensão entre o singular e o plural.

Ao desenhar identidades visuais e comportamentais, toma como referência a mulher adulta jovem, branca, saudável, heterossexual e de classe média, para as quais as atividades físicas e esportivas, além de estarem relacionadas com a construção de um estado satisfatório de saúde, representam exercícios de sociabilidade, que as afirmam em espaços tidos como de domínio masculino: a rua, o clube, a hípica, os estádios e ginásios, a piscina, as praças e parques, enfim, espaços urbanos que acolhem a prática da exercitação física.

Há, nas suas páginas, tanto o incentivo como a repressão à mulher, no que diz respeito a sua vida individual e social. Mesclam-se diferentes conselhos, prescrições e recomendações, ora impulsionando-a a transgredir determinados códigos sociais e sexuais tomados como naturais, ora cerceando possíveis ousadias.

Discursos progressistas e moralistas recheiam com entusiasmo e emoção as suas páginas, seduzindo e desafiando mulheres, tanto para a exibição como para o ocultamento de seus corpos, forjando e criticando novas formas de cuidar de si, reforçando e amenizando a exibição pública do seu corpo como pertencente ao universo pagão das impurezas e obscenidades.

A *Revista Educação Physica* exhibe diferentes recomendações para as mulheres. Se, por um lado, critica a indolência, a falta de exercícios físicos, o excesso de roupas, o confinamento no lar, por outro, cerceia possíveis atrevimentos. Afirma um discurso voltado para a produção da “nova mulher”: moderna, ágil, companheira, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. No entanto, a representação construída desta “nova mulher” traz poucas possibilidades de construção de um efetivo projeto de emancipação feminina na medida em que suas “conquistas” devem estar ajustadas aos seus deveres. De outro jeito: precisa ousar sem com isso esquecer de preservar suas virtudes, suas características gráceis e feminis, nem abandonar o cumprimento daqueles deveres que, ao longo da existência, lhe foram designados: o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Teme-se, sobretudo, a dissolução da família, considerada como responsável pela manutenção da ordem social e pela educação da infância, potencial a ser desenvolvido para o enriquecimento da nação. Assim, sob a tutela da eugenia, entendida neste período como uma ciência e como um movimento social, reforça-se a idéia do casamento e da reprodução, como indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.

A ginástica, os esportes, a dança, o contato com a natureza, os banho de mar, os passeios ciclísticos, as caminhadas, a exposição do corpo ao sol, os cinemas, o *footing*, os saraus, os desfiles de moda, os concursos de beleza, as viagens, a patinação, o corso, a condução do automóvel e da motocicleta, ao lado de outras práticas de lazer e divertimento, desenham o elenco das novas necessidades sociais, ao mesmo tempo em que potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano. São práticas incentivadas pela Revista e ao mesmo tempo colocadas em suspeição, visto que poderiam, se mal realizadas, romper com determinadas regras sociais e sexuais tomadas como naturais. E, por este motivo, ameaçar a família nuclear urbana.

Ainda que a prática esportiva feminina não seja novidade neste tempo, as mulheres não se eximem de ampliar e diversificar sua participação em competições, apesar de constituírem um número bem menor, se comparadas aos homens. Turfe, remo, natação, saltos ornamentais, esgrima, tênis, atletismo, arco e flecha, voleibol, basquetebol, ginástica e ciclismo, são algumas das modalidades que, inicialmente, registram o maior número de atletas mulheres.

Atentos aos acontecimentos esportivos de sua época, os editores da *Revista Educação Physica*, empenham-se em incentivar a prática esportiva feminina recorrendo a diferentes estilos discursivos e fontes iconográficas, para fazer valer suas intenções. Divulgam idéias, produtos e serviços necessários à vida que se agita e que, num átimo, conferem às mulheres e às cidades um tom mais moderno e sensual.

Coragem, ousadia, liberdade de movimentos e ações, esperteza, sagacidade, sensualidade são atributos que compõem a imagem que a *Revista Educação Physica* identifica como própria da “nova mulher”. Atributos estes originados do discurso e do desejo masculino, porque, geralmente, são os homens que escrevem e ilustram suas páginas. São eles que atribuem mais ou menos voz à fala das mulheres, através de recomendações que delimitam, por exemplo, qualidades que definem sua feminilidade, cuidados com sua saúde reprodutiva, padrões estéticos, vestuário esportivo, conselhos morais, entre outros. São eles, também, que mostram o corpo feminino. Decidem o ângulo, o enquadramento, as qualidades técnicas da fotografia, bem como sua disposição no interior da Revista. Enfim, o que deste corpo deve ser realçado e o que deve ser escondido.

Apesar da predominância da escrita dos homens, também há, na Revista, a presença do discurso das mulheres. Feito não tanto por palavras, mas por gestos fotografados. Construído de imagens e de silêncios.

Diferentes mulheres exibem seus corpos, posam para fotografias, simulam posturas que são perpetuadas em imagens afirmativas, que transmitem mensagens estéticas e ideológicas e que são gravadas na memória para que sejam entendidas. No espaço onde se mostram, as mulheres são sujeitos do discurso das imagens e de

uma estética que busca generalizar traços e percepções, a partir de um olhar que expõe o seu corpo, tornando-o objeto de desejo, ao mesmo tempo que reprime esse desejo que colaborou para despertar.

Discurso que se faz sem contrapor-se ao masculino. Silencioso, reforça representações dominantes de beleza, saúde e feminilidade através da exposição de uma sensualidade, cujos limites adquirem os contornos ditados pelo programa visual da Revista. Ou seja, dentro do que seus editores desejam publicar e dentro do que, naquele tempo, era proibido e permitido divulgar, consoante não apenas os preceitos éticos e morais mas também os conhecimentos técnicos existentes de produção e reprodução de imagens.

As fotos de mulheres que a *Revista Educação Physica* exhibe são frases silenciosas. Dizem o que seus editores pretendem dizer, embora saibamos que as imagens adquirem significados não apenas pelo que exibem. Mas pelo que em nós reverbera no momento em que somos chamados a observá-las. Pelo que já é por nós conhecido e pelo que, do universo imagético, já está incorporado em nós. Afinal, as imagens não são apenas observadas por nossos olhos. Elas invadem nossos sentidos e deixam marcas no nosso corpo.

Por isso são atuais as imagens da *Revista Educação Physica*, ainda que publicadas há mais de meio século. Fazem parte da formação de nossa sensibilidade e inteligibilidade, porque gravadas em nossa memória individual e social. Rememorá-las, trazê-las do passado é, portanto, compreender o presente. Ver-se nele e através dele. Interagir, dialogar, conhecer e intervir.

Na Revista, as imagens que retratam mulheres exibindo corpos belos, saudáveis e bem dispostos, ao se juntarem às palavras, adquirem um tom de ordem: “Faça ginástica”, “Aprenda a usar seus músculos corretamente”, “Verifique se sua beleza é moderna”, “Fortaleça seu busto”, “Ame a Pátria”... Ou seja: não coloque em dúvida o fato de fazer ou não ginástica, de usar ou não corretamente os músculos ou de amar ou não a Pátria. Simplesmente, faça, use, ame.

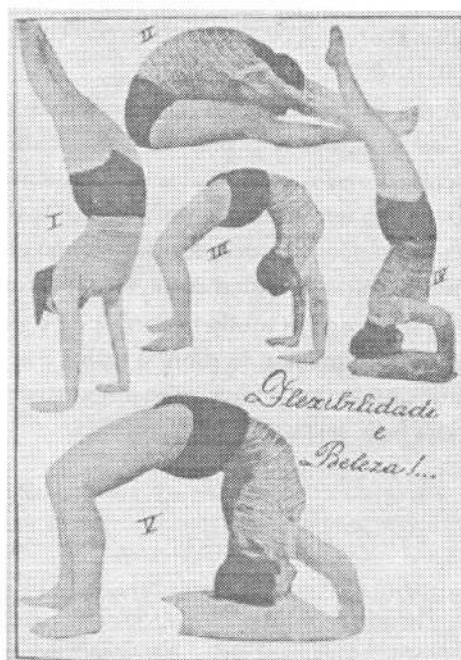
Explicada através do seu corpo, a mulher ilustra e dá significado ao corpo da *Revista Educação Physica*, arregimentando sobre si textos e imagens que sugerem, direta ou indiretamente, aquilo que, convencionalmente, se designou como imperativo de seu sexo: seja bela, seja mãe e seja feminina.

Seja Bela

Não é pequena a aproximação que a Revista Educação Física faz entre a prática de atividades físicas e a beleza feminina. Em várias das suas páginas, discursos e imagens exibem, aos olhos do leitor e da leitora, regras, cânones e ideais de perfeição corporal.



Revista Educação Physica, nº 47, outubro 1940



Revista Educação Physica, nº 54, maio 1941

Diferentes aspectos da beleza feminina são expressos em artigos de cunho científico, conselhos médicos, dicas e truques para melhor cuidar do corpo, propagandas de produtos que buscam melhorar a aparência física e notas sobre a moda esportiva, afirmando que as práticas corporais embelezam as mulheres, ao mesmo tempo em que colaboram com a aquisição e manutenção de um bom estado de saúde.

Entendendo a beleza não como um atributo natural das mulheres, mas fruto de uma conquista que se viabiliza mediante um esforço individual, e para o qual é necessário um trabalho árduo e constante que requer disciplina e dedicação, a *Revista Educação Physica* incentiva as mulheres a modificarem seus hábitos e atitudes, recomendando-lhes, por exemplo, banhos de mar, exposição ao sol, uso de vestimenta adequada, alimentação balanceada, cuidados com a pele e, principalmente, prática de atividades físicas. Para ser bela, há que fazer exercício físico, pois beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento. Afirma a Revista:

(...) Cada uma terá que convencer-se a respeito daquilo em que se deverá reformar e aperfeiçoar, o que logo será possível por um estudo consciencioso da anatomia em relação aos exercicios distinctos. Por esse meio e por um regime de educação physica, seria inutil perder-se tempo com gymnastica para os gemeos das pernas, quando esses musculos já sejam perfeitos, ou dedicar-se ao desenvolvimento do collo, se já rivaliza o da Venus.

Todas as energias devem applicar-se no esforço de melhorar as partes que carecem de melhoramento. E, para attingir resultado compensador, será necessario ter-se constancia, força de vontade e energia. De modo que, então, mãos á obra! (REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 11, setembro de 1937, p.61).

A proporcionalidade das formas físicas e a harmonia entre elas aparecem como requisitos constitutivos dos padrões e critérios de beleza pelos quais são julgados os corpos. Razão pela qual são nas formas anatômicas que se depositam as recomendações e os conselhos para o embelezamento da mulher, cuja perfeição é ou não atingida consoante sua simetria e proporcionalidade. Segmentado, é na harmonia dos seus detalhes que o corpo, como unidade, adquire valor dentro de um padrão estético artisticamente construído.

Duas são as estéticas que, em diferentes momentos, inspiram a *Revista Educação Physica* a delinear padrões corporais: primeiro, a estética clássica simbolizada pela perfeição corporal atribuída às estátuas gregas, depois a estética dos modernos meios de produção e reprodução de imagens e informações, sobretudo, a fotografia e o cinema.

Se em alguns momentos as imagens e textos que circulam na *Revista Educação Physica* explicam/exibem uma representação de beleza que tem como sua expressão máxima a harmonia e a proporção das formas corporais, tentando reproduzir o que uma vez se considerou corpo verdadeiro de deuses e deusas, de heróis olímpicos ou de pessoas perfeitas, há, noutros, a modernização deste conceito de belo, trazido para outro tempo/lugar: para a moderna sociedade capitalista, quando são outras as regras culturais que regem as representações de beleza e quando são outras, também, as formas de produção e reprodução de imagens.

A fotografia, o cinema e a televisão, por exemplo, criam e traduzem percepções estéticas que olham e exibem o corpo feminino a partir de outra aparência e sensualidade, convertendo a imagem da mulher bela e sedutora em um ícone da sociedade de consumo, para a qual, além do corpo perfeito, é necessário ter qualidades capazes de seduzir e chamar para si o olhar do outro. Ser bela é ser, também, atraente e sensual.

O apelo que a *Revista Educação Physica* faz à capacidade que a mulher bonita tem de exercer atração e fascínio no sexo oposto, não só a incentiva a cuidar de si porque provoca uma identificação com um modo de ser civilizado e moderno, mas também a controla porque é ao julgamento do outro que deve agradar/corresponder. Imagem e texto afirmam, por exemplo, que para ser belo, o corpo da mulher deve ser forte, ágil, harmonioso e atlético. No entanto, não pode deixar de ser gracioso, delicado e fértil, pois é na feminilidade que reside o maior encanto da mulher e, também, o que a diferencia do homem.

Ao mitificar a beleza feminina, atribui à mulher a condição de ser desejada mediante sua capacidade de se fazer desejar e ao homem a condição de ser, acima de tudo, desejável. Neste aspecto, a beleza passa a ser observada como um critério de seleção, através da qual as mulheres disputam, por exemplo, o mercado de casamentos. Afinal, estamos falando dos anos trinta e quarenta, quando casar era quase um destino, e a construção da família nuclear quase uma obrigação.

Estilizada pelo olhar masculino, a beleza feminina sugere o desejo, o sonho, o prazer e a aspiração dos homens, que depositam no detalhe da forma do corpo da mulher a sua habilidade e o seu poder. Um poder que se afirma não pelo que ela diz ou pensa, mas pelo que exhibe. Um poder que a liberta dos códigos tradicionais de sexualidade para os quais ela, entendida como a mãe em potencial, é dessexualizada e deserotizada. E também a subordina, porque circunscreve sua existência aos domínios da natureza do seu corpo e dos seus atributos físicos e sexuais.

A construção de imagens da beleza da mulher tensiona, simultaneamente, duas atitudes que se fazem existir em constante movimento: oferecimento e negação. Ou seja, ao mesmo tempo em que são expandidas as perspectivas de exhibir a beleza feminina, ou melhor, a beleza do corpo feminino, oferecendo-o para satisfazer

instintos sexuais de uns (umas) e outros (outras), são também criadas estratégias de negação destes mesmos instintos através de discursos e atitudes que enfatizam o puritanismo, a moralização e o decoro. Tensionamento este marcado pelo saber e pelo fazer masculino, pois até uma data muito recente, a imagem, assim como as palavras (salvo raras exceções) foram produzidas pelos homens, visto que as mulheres não representavam a si próprias.

Tornar-se mais atraente ao olhar do outro é tanto uma condição como um anseio, que está impresso no detalhe do seu corpo. Uma condição, porque a limita aos padrões estéticos dominantes e restringe os espaços para a expressão de outras singularidades – ainda que existam processos subjetivos de apreensão deste imaginário socialmente construído e aceito, que permitam o desenho de determinadas formas de resistência. Um anseio, porque liberta sua sexualidade da função reprodutiva, fixando, no seu corpo, outros destinos.

Incorporadas ou não pelas mulheres, as representações de beleza e feminilidade de cada época, advêm de um olhar e de um discurso masculinos, não porque desenhadas e faladas por homens, mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença para torná-la suportável. Assim, se por um lado, a *Revista Educação Physica* expressa e estimula vontades (masculinas e femininas) que liberam o corpo da mulher e espetacularizam a sua exibição; por outro, censura estes desejos. Duplamente: pela censura oficial que regulamenta suas ações consoante os valores e as regras morais e sociais existentes, e pela censura que emerge do inconsciente de cada pessoa, cujos desejos desnudam/ocultam este corpo que se oferece e é oferecido ao olhar.

Seja Mãe



(Revista Educação Physica, nº 57, agosto 1941)



(Revista Educação Physica, nº 45, agosto 1940)

Identificada como uma função social, a maternidade é, simultaneamente, um destino, porque observada como um acontecimento natural e um desafio, prescinde de preparação física e refinamento emocional. Tanto quanto ter um corpo fortalecido, é necessário, para a mãe em potencial, ter um caráter virtuoso; moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação. Virtudes advindas de uma moral burguesa que, ao serem idealizadas como verdadeiras, trazem à lembrança de cada mulher, pensamentos, modos de ser e movimentar, que gravam no seu corpo gestualidades adequadas ao que se espera configurar numa vida em sociedade.

Produto e produtora de representações ligadas às práticas higienistas, eugênicas e cívicas, as imagens que a Revista produz e reproduz da mulher, que é ou será mãe, são elaboradas a partir de duas representações que se revezam: a mulher-mãe e a mãe-cívica.

Ainda que não se caracterizem como distantes uma da outra, apesar de maquiladas com sutis diferenças, estas representações compõem o mesmo conjunto de intenções, para o qual as mulheres são observadas como referências fundamentais ao engrandecimento do país, dadas as atribuições que lhes são designadas e que lhes cabem enfrentar com maior ou menor ousadia.

Se a representação da mulher-mãe está voltada para o fortalecimento da raça no que diz respeito à saúde, ao vigor físico e à eficiência dos indivíduos frente aos obstáculos reservados pela vida, inclusive, àqueles inerentes ao mundo do trabalho produtivo, a representação da mãe-cívica incorpora e defende o discurso oficial da preservação da soberania e da honra nacional. Se a primeira reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para favorecer o aperfeiçoamento da reprodução humana, a segunda vê na Educação Física uma possibilidade imediata de preparar os jovens para a guerra, de mantê-los dispostos para a luta e de exibirem a força de seu patriotismo.

Mergulhada em um universo de euforia cívica e de progresso social, a *Revista Educação Physica* identifica, aceita e defende para si a tarefa de fazer ver, de divulgar e de orientar, pedagógica e cientificamente, a Educação Física e os esportes, sem os quais não compreende ser possível o robustecimento da população.

Motivados por essa idéia, seus editores publicam vários textos que sugerem vigilâncias e cuidados para com a saúde pessoal e a higiene social, como por exemplo, o controle da procriação, a preocupação com a formação moral das crianças e jovens, a preservação da família e do lar, o caráter moralizador e disciplinador do esporte, a exaltação ao Estado constituído, a construção de um sentimento de nacionalidade e, evidentemente, em se tratando de regeneração da raça, a glorificação da imagem da mãe. Afinal, preparar, garantir e conduzir a maternidade com êxito, traduzem vontades pessoais e políticas que reclamam precauções e orientações específicas, voltadas para o resguardo e a vigilância do corpo feminino.

Para que a mulher possa cumprir esta missão que é individual e social, é essencial que cultive determinadas normas e condutas, que evite esbanjamentos e violências. É indispensável, também, que ela aprenda determinadas formas de ser, de se comportar, de se expressar e de se movimentar, com a intenção de salvaguardar aquilo que é seu maior atributo: carregar no próprio corpo a esperança de uma outra vida.

Os excessos do corpo identificados, por exemplo, com o uso de artifícios utilizados em nome do embelezamento (maquilagens, produtos químicos, roupas apertadas que oprimem os movimentos e a altura dos saltos dos sapatos), identificados com a alimentação exagerada, com a prática demasiada de exercícios físicos e com a participação equivocada em determinados esportes, são criticados. Como também o são o desleixo, a falta de cuidados consigo mesma, a indolência, a preguiça e a inapetência para as práticas corporais e esportivas.

Ao se apresentar o corpo feminino, que se quer forte e saudável (porque útil à sociedade) com corpos igualmente fortes e saudáveis, são atribuídas privações que objetivam proteger suas características de feminilidade e fertilidade.

Ainda que nesses anos o discurso eugênico tivesse muita ressonância na sociedade brasileira, porque incorporado pelos ideais nacionalistas em voga naquele período, não é novidade a sua existência. Nem sua vinculação com a Educação Física. Já no final do século XIX, vários dos manuais e livros de Educação Física, escritos no Brasil, mencionam a especificidade do trabalho físico para as mulheres em função da regeneração e do aprimoramento da raça brasileira. Com a fraqueza das mães começa a do homem, alerta Eduardo de Magalhães, no livro *A Gymnastica Hygiênica*, publicada no Rio de Janeiro em 1894⁴.

4. Sobre este tema ler Carlos Fernando F. da Cunha Júnior (1998, p. 40). Além de "A Gymnastica Hygiênica", o autor analisa outros 14 manuais e tratados sobre Educação Física escritos por brasileiros no século XIX.

O discurso da medicalização e da higienização dos corpos, ainda que presente nos anos da circulação da Revista, adquire outros contornos, diversos aos do século XIX. O que não significa afirmar que seja diferente. Ao contrário: permanece e incorpora novas nuances, consoante as modificações decorridas no âmbito político, econômico e cultural, decorrentes da urbanização do país.

A *Revista Educação Physica*, quando exalta a função reprodutiva da mulher, elabora e reproduz um discurso que fragmenta explicações sobre a construção do humano, porque, ao separar a natureza da cultura, produz um olhar hierarquizado sobre as diferenças entre os sexos, inferiorizando a mulher perante o homem. O adjetivo “reprodutiva”, que na mulher aparece colado ao substantivo “saúde”, por exemplo, jamais é relacionado com o mundo masculino, quando são divulgadas recomendações para as práticas corporais e esportivas. Como se os esportes não pudessem, também, ocasionar danos à sua genitália, dificultando a produção de espermatozoides e o correto caminho da concepção, prejudicando a sua ... paternidade.

Poucas são, também, as referências sobre os incômodos da gravidez, o que colabora para a construção de um olhar linear e positivo sobre a maternidade, destacando suas vantagens, seus encantos, não suas contradições. Reforçam-se, assim, valores e comportamentos que enlaçam a mulher ao seu destino biológico, fazendo crer que apenas sendo mãe é que ela expressa o máximo de sua feminilidade.

Ao ser mitificada como um modelo de mulher a ser preservado e imitado, a representação da mulher-mãe, sinônimo de feminilidade bem sucedida, porque levada ao extremo na sua mais primordial vocação, vai hegemonizando condutas e comportamentos, a partir dos quais são consideradas anormais as identidades desviantes.

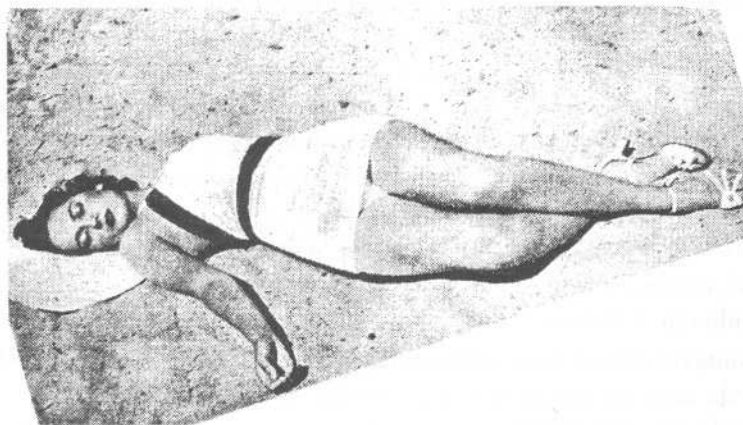
O “ser mãe e esposa” sobrepõe o “ser mulher” e converte a maternidade em um rito de consagração do eterno feminino, uma passagem que inicia a mulher no mundo adulto e na maioridade, em que o fracasso quase a obriga a desenvolver um sentimento de frustração. Ou de saudade culpada do que não pensou ou quis ou teve condições de gerar, criar, educar e proteger.

Além disso, quando associada à maternidade, a idéia da conquista da maioridade transborda ambigüidades, porque não parece confirmar a maturidade da mulher e seu crescimento pessoal, e sim reafirmar uma representação passiva e convencional da feminilidade, que associa a identidade feminina com uma infinita capacidade de amar e de se dar. A mulher adentra o mundo adulto porque é responsável pelo que gerou: os filhos são seus, sua posse, como também são seus os encargos para com sua criação e as responsabilidades para com sua má educação. O amor materno é mitificado quando apresentado como uma qualidade inerente de toda mulher, porque próprio da sua natureza biológica. Sentimento pulsante e visceral que, simultaneamente, cria situações de profunda intimidade e servidão.

Ainda que em alguns momentos a *Revista Educação Physica* pareça diluir a imagem da mãe, movimentando uma tensão entre a transgressão e a adaptação aos comportamentos convencionalmente aceitos como adequados à vida em sociedade, há a determinação de que a maternidade, mais cedo ou mais tarde, venha coroar sua existência. Mesmo que alguns dos autores/as que nela escrevem venham a incentivar a transposição de certas regras definidas por códigos sociais a partir das distinções sexuais, a maternidade continua sendo sua mais sublime missão. Aquele acontecimento através do qual toda mulher exprime o máximo de sua feminilidade.



(Revista Educação Physica, nº 26, janeiro 1939)



(Revista Educação Physica, nº 31, junho 1939)

Diferentes imagens do feminino pulsam nas páginas da Revista; diferentes e semelhantes, porque enquadradas aos padrões tidos como próprios de seu sexo e, para os quais, a maternidade é um caminho natural. Diferentes e semelhantes, porque criadas e cultivadas, também para evitar um desregramento social e sexual em que instintos, desejos e perversões presentes nas sombras conscientes e inconscientes de cada um, possam desagregar o que culturalmente se convencionou agregar e estabilizar.

Seja Feminina

A *Revista Educação Physica*, não só produz e reproduz representações de beleza e maternidade, como também cria e divulga imagens de feminilidade. Vários de seus autores e autoras se preocupam em delimitar a abrangência e os limites do mundo feminino no que diz respeito ao comportamento individual e social das mulheres, uma vez que são muitas as novidades de consumo, prazer e lazer a seduzi-las, colocando em perigo funções que historicamente lhes foram atribuídas, como a maternidade, a educação dos filhos e a administração do lar.

Esta preocupação, ainda que registrada nas suas páginas, não é própria deste período. A construção de imagens de feminilidade, como possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento femininos, aparece em diferentes espaços e tempos, sob diferentes formas, estratégias e discursos.

A idéia de uma essência feminina voltada para a submissão, a passividade, o sacrifício e a maternidade, por exemplo, que desde o final do século XVIII faz parte do discurso e das práticas da medicina, adquire outras representações nos séculos XIX e XX, frente às novas responsabilidades atribuídas às mães e à família nuclear.

Dentro deste jogo de representações, à imagem da mulher maternal, que é feminina e bem comportada, contrapõe-se a da histérica, da masoquista, da prostituta ou da frígida, cujo jeito de ser precisa de correção e controle, uma vez que representa a vivência de uma sexualidade equivocada, por conseguinte, patológica. Diferentes métodos que buscam curar estas anomalias vão sendo experimentados ao longo do tempo, como por exemplo, o uso de medicamentos, eletrochoques, duchas frias, dietas pouco estimulantes, camisa de força e, em alguns casos, intervenções cirúrgicas, como a clitoridectomia e a ovariectomia.

Afinal, não está a sexualidade circunscrita ao casamento e à maternidade? E mais: sendo este o destino de toda mulher não é anormal quem dele se afasta?

No contexto da valorização da família, da higienização dos corpos e do fortalecimento da raça, ser feminina é ser, também, saudável e bela, para cumprir os desígnios de seu sexo: casamento e procriação. Razão pela qual a mulher solteira, ainda que não considerada tão anormal quanto a histérica e a prostituta, por exem-

plo, merece atenção e cuidado, visto que, ao não cumprir sua função social, pode, também, vivenciar de forma equivocada a sua sexualidade, porque celibatária ou excessiva.

Além disto, a mulher sem par (por opção ou por não conseguir marido) ameaça a representação dominante de feminilidade e, também, a ordem social, visto que para garantir sua existência, concorre com os homens no mercado de empregos. Concorrência esta que, não raras vezes, aparece permeada por insinuações e preconceitos quando, por exemplo, a estas mulheres são coladas representações que combinam elementos presentes nas estereotípias da lésbica, da solteirona feiosa e da feminista histórica (NUNES, 1998).

O temor de que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando.

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos a vigilâncias e inibições, que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”. Sendo este “outro” abstrato, coletivo e socialmente imposto.

O corpo feminino, observado como algo a ser manipulado, construído, vigiado e modificado passa a ser alvo de diferentes intervenções, dentre as quais a sua exercitação, uma vez que as práticas corporais e esportivas são identificadas como possibilidades de controle e também como experiências que movimentam e liberam os instintos, trazendo-os à flor da pele. Estas práticas, apesar de serem incentivadas, são sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões, além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os movimentos equivocados do corpo, os perigos das lesões, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertam suspeitas, porque parecem abrandar certos limites que contornam uma imagem ideal de ser feminina.

Além disso, há que se considerar que o esporte contém um forte componente emocional, ao mexer com sentimentos nem sempre passíveis de serem controlados. Sua dimensão aventureira mobiliza paixões e energias, tanto em quem pratica como em quem observa e assiste, despertando sensações e desejos. Pletora de emoções que deleitam e assustam, algumas vezes, desestabilizando o que haveria de estabilizar.

Este caráter de imprevisibilidade inerente à prática esportiva permite interpretações distintas com relação à participação feminina, oscilando entre a proibição e o irrestrito apoio.

Na *Revista Educação Physica* oscilam interpretações, mesmo que em quase todos os artigos que tratem da Educação Física feminina existam o incentivo à exercitação e a crítica à indolência. As divergências que apresentam, situam-se em questões bem específicas, como por exemplo, o grau de envolvimento que a mulher deve ter para com os esportes, ou a quantidade de esforço ao qual pode submeter o seu corpo.

Uma questão bem específica está em jogo. Há que fortalecer, sim, a “nova mulher”, no entanto, velhos preceitos e juízos morais devem ser mantidos para que assegurem a continuidade tanto da família nuclear como da distinção de papéis sociais atribuídos, culturalmente, a homens e mulheres.

Nesse sentido, a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos, e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. Elegantes, homens e mulheres da elite desfilam, nos espaços públicos, seus aprendizados e talentos esportivos, afirmando também a superioridade da sua classe. Modalidades como o tênis e o hipismo, por exemplo, são anunciadoras de laços mais igualitários entre os sexos: o hipismo, porque andar a cavalo é uma paixão antiga da oligarquia, tanto de homens como de mulheres; e o tênis, porque identificado com a elegância das elites européias, e porque possível de ser jogado com graça, sem tirar da mulher seu encanto e sua feminilidade (SCHPUN, 1997).

Diferentes orientações são proclamadas pela Revista quando o tema é a garantia da reprodução. O discurso da beleza associada à saúde, e a uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, ganha espaço nas suas páginas. Recorrendo a argumentos científicos advindos das ciências biológicas, estas orientações imprimem, no corpo da mulher, padrões de comportamento que acabam por encobrir uma dimensão que é ideológica, e que naturaliza a vocação feminina para a procriação.

O controle da natalidade, as técnicas contraceptivas, o uso de tóxicos, a prática esportiva desregrada, o trabalho fora do lar, a co-educação e os excessos do corpo, por exemplo, são experiências que, algumas vezes, a *Revista Educação Physica* rejeita para as mulheres tidas como “normais”. Para tanto, parte do pressuposto de que, se estas experiências são contrárias à natureza feminina é porque à masculina se aproximam, o que significa, para alguns de seus autores e autoras, afirmar que tais experiências masculinizam a mulher.

A masculinização feminina é relacionada, também, às conquistas e às reivindicações advindas do movimento feminista, como, por exemplo, a liberdade de ir e vir, de escolher o marido ou o não-casamento, de exercer uma profissão, de votar, de competir em iguais condições com os homens no mercado de trabalho, etc. Atitudes estas que representam transgressões ao conservadorismo, pois rompem com algumas ações designadas como próprias do seu sexo e que, quando ultrapassadas, além de censuradas, passam a ser vistas como próprias dos homens.

Dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado, não representa possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família. Quando apresentado dentro desta perspectiva, o termo “feminismo”, antes de representar o movimento de luta de determinados grupos de mulheres que procuram exercer seu direito de cidadãs, refere-se tão somente à reafirmação daquelas características que prendem as mulheres aos domínios de sua natureza e que consolidam uma representação tradicional de feminilidade.

A *Revista Educação Physica*, não encerra a mulher no mundo doméstico, ainda que mostre que este lhe pertence. Ao divulgar as atividades físicas e entendê-las como inerentes ao seu desenvolvimento individual e social, elenca diferentes espaços urbanos como também pertencentes ao seu cotidiano: as praças e parques, os clubes esportivos, as piscinas, as praias, as ruas, os ginásios e estádios. Não sem estabelecer padrões de ser, de se relacionar, de mover, de vestir, entre outros; padrões estes normatizados e tomados como modelos a partir dos quais se julgam os normais e os desviantes.

Se, por um lado, confere movimento aos padrões hegemonicamente aceitos como próprios do universo masculino e do feminino, por outro, os estabiliza, porque muitas são as explicações que tomam a distinção biológica como demarcadora das diferenciações sociais. Ainda assim, não unifica papéis, funções e competências, inclusive porque:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe... (LOURO, 1997, p.28).

O termo “masculinização”, regularmente citado na Revista quando o assunto se refere a imagens de feminilidade, é apresentado ao leitor e à leitora sugerindo

não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas na sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo.

Esta não é uma discussão presente apenas na *Revista Educação Physica*: as modificações que ocorrem no corpo e também no comportamento das mulheres em função da prática de atividades físicas, quando se diferenciam dos padrões culturalmente aceitos como normais, parecem ameaçar não apenas a superioridade masculina no campo destas práticas, mas as representações de ser homem e ser mulher.

Nicolau Sevcenko, por exemplo, ao identificar a influência do esporte na construção de um sentido de coletividade fornece alguns exemplos de como as modificações no modo de vestir feminino causaram impacto neste tempo, quando o esporte se torna moda e a moda adquire contornos esportivos. Escreve:

O grande espanto e o escândalo galopante, porém, iria ocorrer, como se podia esperar, com a mudança dos hábitos e trajes femininos. Num mundo até então polarizado quase exclusivamente em torno da figura masculina, as moças aderiam, com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, delicias com os ares de independência e voluntariedade que eles conotavam, desencadeando assim uma comoção que atravessou a década. Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos, agregados de roupas brancas, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem (1992, p.49-50).

A graça, o encanto, a sedução, a beleza e a harmonia das formas corporais, a delicadeza e o recato são qualidades que aparecem coladas a uma representação de feminilidade, que, quando rompida, aproxima a mulher do seu oposto, portanto, que a afasta do que a engrandece. Afinal, masculino e feminino constelam hábitos, atitudes e formas de ser pouco maleáveis e que poucas interseções permitem entre si. Geralmente polarizadas por um olhar dicotômico, masculinidade e feminilidade, além de opostas, são vistas como divergentes, pois para cada lado desta construção, são conferidos atributos e qualidades que exprimem mais diferenças do que similitudes e complementaridade: homem/mulher, masculino/feminino, vício/virtude, potência/fragilidade, virilidade/fecundidade, produção/reprodução, público/privado, cultura/natureza.

Presos à identidade do sexo, os termos masculino e feminino afirmam um mundo de homens e um mundo de mulheres, cujos traços característicos são níti-

dos e facilmente apreendidos e que, apesar de coexistirem, pouco diálogo estabelecem entre si. Nem viragos, nem lindas flores débeis de estufa, diz a *Revista Educação Physica*. Nem excesso de competição, nem inatividade física, mas beleza, saúde, graça, harmonia de movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Se é, portanto, necessária a exercitação do corpo da mulher, que seja realizada de forma a que estejam garantidas as características que asseguram seu jeito feminino de ser.

Utilizando argumentos científicos, vários textos da *Revista Educação Physica* recomendam a natação como o esporte mais adequado às mulheres, pois sua técnica não exige demasiado desgaste físico, nem uma musculatura muito desenvolvida. Além da natação, a dança é amplamente recomendada às mulheres, sendo considerada como a atividade corporal que melhor reúne predicados que celebram a sua feminilidade. Associada à beleza, à sensibilidade e a uma imaginada e idealizada pureza da alma feminina, a Revista diz que é na dança e pela dança que a mulher vivencia, pela leveza de gestos e movimentos, o exercício de diferentes sensações corpóreas.

Mulheres em movimento, diz a *Revista Educação Physica*. No entanto, este movimento é controlado de forma a não exceder limites culturalmente construídos, razão pela qual proliferam técnicas e estratégias de autoconhecimento e autocontrole que buscam não a restrição da sua movimentação, mas, exatamente, o seu contrário: através do movimento e pelo movimento são estabelecidas formas sutis de aplicar um rígido controle sobre si mesma e assim assegurar a construção de um padrão de “ser mulher”, construído a partir de um olhar recheado de convenções para o qual o termo feminilidade parece não existir no plural.

Bela, maternal e feminina: imagens presentes na *Revista Educação Physica* e também no imaginário social de um país que identifica na mulher um elemento importante para a sua modernização.

Juventude, beleza, ousadia, disposição, saúde, alegria, perseverança, dedicação, prudência, atributos transformados em virtudes, que, quando aparecem colados à figura da mulher, tensionam diferentes perspectivas, pois ao mesmo tempo em que ampliam suas possibilidades individuais e sociais a encerram dentro de padrões de ser e de se comportar.

Bela, maternal e feminina: imagens que se mostram no passado e também no presente através de outros e novos discursos ou de outras e novas maneiras de representá-las. Imagens transitórias e ao mesmo tempo permanentes porque já gravadas na nossa memória, apreendidas pela nossa sensibilidade e inteligência e para as quais já elaboramos conceitos, como por exemplo, sobre o que entendemos ser uma mulher e o que para ela esperamos ser permitido ou proibido. Imagens positivas que, ao se apresentarem como reais, reforçam um caráter de naturalidade, ou seja, de que assim é porque assim, em algum momento, foi.

As imagens presentes na *Revista Educação Física* e aquilo que delas permanece noutros lugares e noutros tempos, afirmam uma permanência disfarçada pela sutileza das pequenas alterações e pelas formas sempre reinventadas de entendê-las e apreciá-las. Imagens representativas de determinadas escolhas estéticas e políticas, que ao serem aceitas como normais, possibilitam a existência de diferentes intervenções sobre o corpo feminino, na tentativa de corrigir distorções ou anular desvios.

Bela, maternal e feminina, imagens afirmativas que permitem compreender que o corpo da mulher, ao mesmo tempo em que é seu, não lhe pertence.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Milton José. *Cinema Arte da Memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando F. da. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa Histórica na Educação Física – v.3*. Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

SCHPUN, Mônica Raisal. Códigos sexuados e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, Mônica Raisal (org.). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Recebido em 14 de dezembro de 2004 e aprovado em 22 de março de 2005.